

Câmara Cascudo: sou fiel à jumentalidade da minha geração

A revista mensal de cultura *O sacco*, de Fortaleza-CE, publicou no seu número 3, de julho de 1976, uma entrevista/depoimento de Luís da Câmara Cascudo, sob o título “Câmara Cascudo: sou fiel à jumentalidade da minha geração” (p. 8-10). A entrevista foi gentilmente cedida à revista *Imburana* por um dos organizadores daquele número, o pesquisador e escritor Carlos Emílio Corrêa Lima, doutorando em Literatura Comparada do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem - PPgEL/UFRN.

O editor de *O sacco* era José Edmundo de Castro e os organizadores eram Carlos Emílio Corrêa Lima, José Jackson Coelho Sampaio, Manoel Coelho Raposo e Nilto Fernando Maciel. No Rio Grande do Norte, o correspondente era Eduardo Antônio Gosson.

Imburana disponibiliza ao público a entrevistam em edição fac-similar, como uma homenagem ao patrono do Núcleo Câmara Cascudo de Estudos Norte-rio-grandenses.

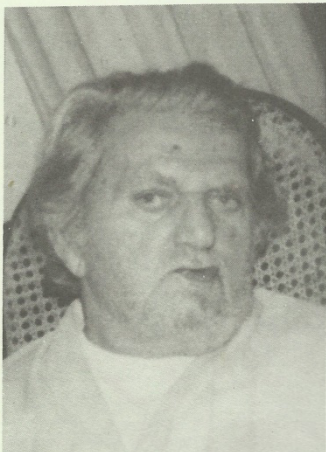
Câmara Cascudo: sou fiel à jumentalidade da minha geração.
***O sacco*, Fortaleza, n. 3, p. 8-10, jul. 1976.**



Capa de *O saco*, n. 3, jul. 1976

CÂMARA CASCUDO

Sou fiel à jumentalidade da minha geração.



O Ceará explora sentimentalmente a seca. Há cento e tantos anos, quando se fala em seca é copyright by Ceará. Não tem essa de Saara, seca é Ceará. Ah, quando esgotou o tema da seca, inventaram arrombamento de açude. Até os soviéticos caíram no conto de mandar dinheiro pro Ceará. O cearense é invencível. Não há mais seca, agora é o Orós que está afogando o Ceará.

Este desenho aí na parede foi feito por um filho do Eça de Queiroz. Quando criança somos todos geniais, depois de adultos é que ficamos burros. Nós estávamos falando sobre o Adufe, um pandeiro retangular somente tocado por mulheres em romarias. Está no Êxodo. Quando os judeus passaram o Mar Vermelho, a irmã de Moisés tocava Adufe. No Brasil temos 3 ou 4 ases masculinos mas em Portugal e na Espanha ainda é instrumento tocado somente por mulher. Pois bem, estávamos falando nisso e o menino do Eça desenhou este quadro.

Dizem que os Judeus fizeram a maior força para saírem do Egito. Isto é mentira. O faró é quem fez a maior força para eles saírem de lá. Foi preciso peste, guerra, o diabo.

Fomos entrevistar Luís da Câmara Cascudo em Natal. Levávamos muitas perguntas, algumas agressivas, outras óbvias, outras ainda bastante preconceituosas. Nosso maior receio, vergonha mesmo, era que pouco conhecíamos da obra de Mestre Cascudo. Ele nos recebeu com a hospitalidade aberta de um sertanejo e descarrilhou o verbo. Vai daí decidimos que a entrevista corresse frouxa, ao fluir de sua memória saborosa, livre, tortuosa. A decisão de publicar a completa bibliografia dele vai servir para que outros não mais se aproximem do Mestre munidos de nossa ignorância.

Fecha está máquina fotográfica, metiante. Há 70 anos que sou perseguido por tua espécie. Agora, repórter eu já fui. Lembro-me que, quando fomos entrevistar, nossa liberdade era grande. Se o homem não dizia nada, a gente inventava. Em 1915 meu pai possuía um jornal. Nele comeci como repórter. O repórter tem duas grandes vantagens sobre o escritor: o contacto humano e a consciência dos níveis da percepção coletiva. O escritor pensa que o povo entende o que ele entende, o que ele pretende.

**ESTOU QUASE SURDO,
COM CATARATA, RECÉM
VÍTIMA DE UM ENFARTE.**

Já escrevi bem mais de 50 livros, entre perdoáveis e imperdoáveis. Os imperdoáveis são, pelo menos, desculpáveis, dada a idade em que os escrevi. Das críticas e ensaios publicados em revistas nacionais e estrangeiras já perdi a conta. Estou quase surdo, com catarata, recém vítima de um enfarte. Só tomo conhecimento da minha felicidade com minha mulher, não sei sobre a vida dos outros. Não sei como os outros trabalham, só como eu trabalho.

Sou fiel à jumentalidade da minha geração. Há milhares de palavras que não sei o que significam. Nem quero saber. Meus netos vivem me dando bolo. Talvez seja por isso que de vez em quando recebo dicionários de presente. É uma vergonha, mas também é um sossego, um descanso, ignorar. Tecnologia, por exemplo, eu não sei o que seja.

No meu tempo era pecado mortal o popular, o tradicional, o quotidiano, o comum. Fui professor catedrático concursado. Minha tese versou sobre a intencionalidade do descobrimento do Brasil. Pois bem, um colega professor foi

pedir ao governador que me demitisse. Eu estava desmoralizando o estabelecimento. Não porque eu fosse pederasta ou coisa que o valha, mas porque falava pros alunos em Lapinha, Bumba-meu-Boi, Pastoril. Perguntava aos alunos se eles acreditavam em Lobisomens, almas-penadas, etc, e isto era uma desmoralização para o Ensino Superior do Estado do Rio Grande do Norte.

**CASCUDO PASSOU A VIDA
ESTUDANDO INUTILIDADES
HOJE INDISPENSÁVEIS.**

Gilberto Amado, disse certa vez, numa roda de amigos onde eu não estava, que: "Mestre Cascudo passou a vida estudando inutilidades hoje indispensáveis. O que ele realizou ninguém realizou antes dele. E isto sem exemplos, por conta dele, sozinho". Mas meu segredo é simples. Há 50 anos recomendo aos meus alunos que escrevam somente sobre o que amem. O folclore do meu tempo, a cultura popular, era o exotismo, o populismo, o matutismo, o anedótico. As raízes ninguém tinha coragem de procurar.

Meu livro que está no prelo, que espero em S. Francisco de Canindé que seja o último, é sobre a HISTÓRIA DE NOSSOS GESTOS. Quem sabe contar a história, a origem no tempo e no espaço de estirar a língua, de dar banana, os sinais de chamamento ou espanto, todos os gestos obscenos?

Aqui tem um engraxate que não acredita na viagem dos americanos à lua. Ele faz ponto de frente ao Bar Potiguar. Ah eu também comeci a desconfiar disso, ouviu? A primeira coisa que faço é ouvir engraxates, garçons, quando quero avaliar os grandes problemas internacio-

**Tudo passa, a fotografia fica...
para recordar
seus momentos felizes.**



O saco, n. 3, p. 8, jul. 1976

mais. Gosto de ouvir de baixo pra cima. O interessante é que o americano já foi até à lua mais ainda hoje não temos outra forma de aplaudir, individual ou coletiva, que não seja a velha percussão de uma mão na outra. Não inventamos outro meio senão o estalar de dedos, gesto bem cearense. Um professor americano perguntou-me a razão de em todos os tempos, em toda parte do mundo, os homens aplaudirem da mesma forma. Falei que não dizia não. Era bem capaz dele chegar nos Estados Unidos propagando a descoberta como dele.

Os homens que foram à lua, ao retornar agradeceram os aplausos da multidão da mesma maneira que os heróis babilônicos agradeciam 80 séculos Antes de Cristo.

A INDUSTRIALIZAÇÃO ESTÁ FORMANDO O SEU FOLCLORE

Hoje, qual a Universidade que não se interessa por cultura popular? No ano passado 17 professores se diplomaram em Literatura de Cordel nos Estados Unidos. O que antes era uma excentricidade, hoje é normalidade. Nascimento em sua Bibliografia do Folclore Brasileiro, colige 5.000 títulos.

Cada explorador tem seu ângulo próprio de observação. Centenas de objetos (Ergologia) precisam urgentemente de investigações. Um dinamamarques, por exemplo, estudou a rede de dormir. Nos que criamos a rede de dormir não tínhamos nenhum trabalho a esse respeito, até que fiz o meu (REDE DE DORMIR 1959).

A propozição que se vai vivendo, o horizonte vai recuando e novas coisas vão surgindo. Hoje temos as superstições referentes à eletrônica, à aeronáutica. Dizem que a industrialização está acabando com o folclore. Não, ela está formando o seu. Além da máquina está o homem, com seus mitos, sua curiosidade em torno do sobrenatural.

Civilização e Cultura. Isto é muito confundido no Brasil, um vício que vem do americano que copiou o Kultur do alemão. Cultura e Civilização são coisas extremamente diferentes. Cultura é uma técnica de produção, um modo de melhorar a produção. Tudo o que de cultura foi feito, desde o paleolítico, o foi pelo grupo humano. Etnos e não Antropos. O homem sozinho não faz nada, a não ser ser humanista, outra coisa ele não sabe fazer. Tudo foi realizado pelo Etnos.

Quando estudei Medicina só se aprendia a arquitetura do homem, a criatura biológica, ossatura, funções, reprodução. Não se estudava o homem como criador de cultura.

Outra ignorância minha, uma ignorância como outra qualquer, é não saber o que significa Antropologia Cultural. Da mesma maneira que ao me perguntarem sobre se Vênus é habitada digo que não sei, digo que não sei o que é Antropologia Cultural. Agora, Etnologia eu sei o que é.

O mito é a lenda em movimento. A lenda é o mito geograficamente imóvel. O mito é universal, a lenda é localizada. Não existem mitos cearenses, existem lendas cearenses. Uma das mais típicas é a da Princesa Encantada de Jericoacora. Ao mesmo tempo é universal.

A ESTÓRIA MAIS POPULAR É A DE MARIA BORRALHEIRA.

As coisas tanto mais nacionais, mais típicamente regionais. Qual é a estória (Com e, eu lancei isso em 1942. Gustavo Barroso e Joaquim Ribeiro aconselhavam mas não usavam. Eu sacudi meu chapéu e lasquei estória) mais popular do mundo? Depois dos estudos dos finlandeses, a Escola de Helsinque, que fizeram a anatomia do conto popular, chegou-se à conclusão que a estória mais popular é a de Maria Borracheira. Ao mesmo tempo é a mais regional. Todos nós a aprendemos menino, contada por nossas mães. Os hotentotes, os islandeses, os alemães também a conheciam e conhecem.

OS GESTOS SÃO MUITO MAIS UNIVERSAIS QUE O VOCÁBULO.

A área dos gestos é maior que a área verbal, portanto os gestos são muito mais universais que o vocabulo. Exceto no Tibet, onde é saudação, estirar a língua é vitupério, é insulto. Está no Velho Testamento. Seis séculos Antes de Cristo já estava em Tito Lúvio. Estas coisas eu quis estudar enquanto todos os outros preferiam teleotecos, Presidentes da República, etc.

Uma vez, defronte ao Hotel Serrador, em 1943, ví-nhamos andando eu e um grande amigo, ambos enfatiados, cheios de medalhinhas e cartolas, quando decidimos apostar uma corrida pela praia do Flamengo. O Herman Lima conta este fato. Ao parar, vimos um guarda parar logo atrás, se lavando de rir. Ele, no início, pensara em roubo, homicídio, essas coisas, mas depois percebeu que só podia ser besteira de nordestino bêbado e sua última parte da corrida já foi por solidariedade. Eu ri-grandense, meu amigo pernambucano, o guarda cearense — três nordestinos correndo pelo Flamengo. Antes de qualquer coisa eu sou Nordestino.

Esta palavra que usamos tão facilmente e que para mim é o infinito — Entendimento. Entender não é solidarizar-se. Você pode entender Lampeão sem se solidarizar com ele. A pesquisa, a investigação, o entendimento da cultura popular daria à sociologia menos formalidades, menos imponência e mais penetração, mais solução em casos que estão no povo e não estão na cabeça do Ministro, nem na cabeça dos chamados Assesores.

Em RELIGIÃO NO POVO (1972) estudo a religião fora da igreja. Não se assombre, em Natal eu sou o único pecador profissional, os outros todos são amadores. Eu estudo a religião fora da liturgia, estudo o espírito religioso dentro da comunidade brasileira.

Leonardo Mota passava horas perdidas cantando cantiga de cego pedir esmola. Bebia nos botecos, bebia com o povo. Veja a diferença com o Mestre Sílvio Romero, de quem fui anotador da obra. Sílvio não teve o contacto humano que a Leota teve.

Um parente meu esteve aqui há dois anos pra me fazer uma visita. Disse que havia trazido um presente pra mim. Aproximou-se e, porque estou surdo graças a Deus, aboiou no meu pé de ouvido. Embora tendo nascido em Natal, eu me criei no Sertão, ouvindo aboio, que tem origem neumática moura, árabe, e que ainda subsiste em toda a África mediterrânea. Este nosso aboio nordestino é uma forma de neuma, de canto gregoriano, que não se pode dividir em compasso ternário ou quaternário, aliás, que não pode ter divisão, são neumas soltas. O aboio tem a característica do canto oriental de não poder ir para o pentagrama. Este aboio é entendido pelo gado crioulo. Esse gado de carne de borracha, caracu, zebu, não entende o aboio.

Temos que valorizar a cultura popular no chamado mundo culto, pois o próprio povo já valoriza o que faz. O homem do povo chega numa igreja cristã, faz o sinal da cruz e, bem no fim, sacode um beijo com as pontas dos dedos. Isto é moura, árabe, o beijo sottado é muito anterior a Cristo.

Eu nego a uniformidade, a continuidade psicológica dos homens. Você pode ter os mesmos órgãos mas algo do qual você acha graça aqui, ali você poderá reagir com uma bofetada. Depende do timbre e da fisionomia da pessoa que fala. Somos vários que agimos diversamente de acordo com uma química ainda misteriosa.

O Amazonas é um ponto de interrogação. Por aquele rio desceram culturas mais de uma vez, Andinas e Pré-andinas. Como descem as pedras-pomes dos vulcões do Peru, desceram civilizações: deuses, jurupari, técnicas de violleiro, de tecido, caapora, mil coisas. Não sabemos de onde desceram ou subiram os milenários povos do Amazonas. Desconhecemos a fauna e a flora mágicas daquele rio. Há um vídeo muito alemão e muito norte-americano que é o de quando vão estudar as coisas amazônicas já levarem as conclusões na cabeça.

O ideal do brasileiro erudito é ser professor de natação sem se molhar. Gritar para os alunos que distendam tais músculos, façam tais e tais movimentos, mas ele lá na margem, enxuto.

A ATLÂNTIDA EXISTIU

Eu estive muito tempo na África. Do Níger até o Zambeze. E me assombrei com a diferença existente entre o que eu lera e o que eu estava vendo. O norte do Rio Congo (caçador), que é o mesmo Zaire, onde fica o Daomé, a Nigéria, é que é a zona do Candombilé, dos Orixás, Oxumaré, lansã, lemanjá. Passado o Zaire, não há mais nada disso. São zonas completamente diferentes. Os orixás vieram ao Brasil, o outro lado não. O mais engraçado é que o termo Umbanda, um termo do outro lado, do lado sem orixás, é o termo que hoje batiza genericamente todas estas manifestações no Brasil.

Os negros Haussais trouxeram a técnica da baiana se vestir. Eram negros muculmanizados, cultura que descera do mediterrâneo. Esteve em 1918 estudando Medicina na Bahia e não havia nada deste folclore hoje explorado turisticamente por lá. Tudo é posterior.

a samaritana

CENTRO-ALDEOTA-MONTESE-CENTER UM

O saco, n. 3, p. 9, jul. 1976

A Atlântida existiu. Permanece quase que geologicamente perfeita através do Oceano Atlântico, entre o Brasil e a África. São seus vestígios os rochedos de S. Pedro e S. Paulo. Esses recifes, que começam aqui e terminam em Cabo Frio, são os contrafortes ocidentais da Atlântida. Em Locumare, na Venezuela, vi uma pedra imensa como que cortada por lâmina de aço, a face do corte virada para leste. Do outro lado do mar vi pedras cortadas da mesma maneira, na mesma coordenada geográfica, com a face do corte virada para oeste. Agora vou desencantar vocês. Um fotógrafo daqui pediu certa vez para um fotografado — "Faça ar de inteligência, depois pode voltar ao natural". Pois é, agora vocês podem voltar ao natural. Atlântida existiu mas não era habitada. Atlântida mergulhou por um fenómeno plutônico, no cretáceo. O homem é do paleolítico. Não havia o género humano na Atlântida. Os vegetais, sim, poderiam ter se comunicado através desta ponte.

A banana é inexplicável. Não esta que comemos crua, esta comum, que é indiana, a Musacea. A regional, inexplicável, é a Pacova, que só se come assada. Isto foi tema de estudo meu no livro HISTÓRIA DA ALIMENTAÇÃO NO BRASIL (1967).

CONFIDÊNCIA PARA O AFRICANO É UM SACRILÉGIO.

Eu pergunto muito pouco, porque tenho pavor da imaginação brasileira. Eu que vi macumba no local de origem, que tomei banho no Rio Iansã, um sujeito que nunca saiu daqui vem querer me dar aula sobre as coisas do Zaire.

Tem um professor que mora há 50 anos em Luanda e fala 40 dos 600 idiomas africanos. É o problema da África, não é? Ou eles vão pro Inglês ou pro Português, ou então jamais poderão se comunicar. As artes plásticas e o

cinema ainda podem dar certo mas, e a literatura? E o teatro? Luanda tem um teatro maravilhoso mas... em Português. É o problema dos líderes negros agora. Ficar como? Na Índia há uma massa humana tão grande que dá pra juntar uns 2 milhões num idioma mas e na África que a população é rarefeita?

O BRASIL ESTÁ MAIS NA ÁFRICA DO QUE A ÁFRICA NO BRASIL.

A confiança para o africano é um sacrilégio. Pensem num americano, ou num alemão, cheio de máquinas, perguntando prum negro se isto assim é ou não é. O negro diz que é. Aí o tal antropólogo bota nos livros. O negro concorda sempre com sua última pergunta. É como nosso índigena.

Quando foi para escrever meus livros JANGADEIROS (1957), JANGADA (1964) e VAQUEIROS E CANTADORES (1968) eu o fiz ecologicamente no ambiente. Não trouxe pescador ou vaqueiro aqui pra casa e liguei um gravador na frente deles, não. Fui pra lá. Tenho 19 compadres pescadores.

Chamar o africano de negro é desafio. Tem que chamar de preto. Aqui no Brasil eles dizem logo "Sou negro mas não sou da sua cozinha".

O Brasil está mais na África do que a África no Brasil. A pimenta que eles comem lá, têm doce de pimenta, bebida de pimenta, é a nossa cápsica, não é a malaqueta, não. As euforbiáceas foram transferidas pra lá no Século XVI, pra fazer farinha. A costa de Marrocos é a pátria do cuscuz, mas o cuscuz era de trigo, com carne dentro, e passou a ser de milho quando o milho passou daqui pra lá por volta do século XVI. O amendoim que sustenta o Senegal é o nosso amendoim, o anterior, o nativo, desapareceu.

Eu estava dando aula sobre a influência moura na cultura brasileira, em Recife, no meu jeito, com direito a debate no fim, quando uma professora daquelas tipo tábuas-de-engomar, que não tem frente nem costa, pediu que eu fizesse um gesto legitimamente moura e legitimamente pernambucano. Eu disse: os gestos de chamados são os mais universais. Se você chama fulano vem cá, com a mão em supinação, isto é, a palma da mão virada pra você e para baixo, estará fazendo um gesto grego, latino, que os Portugueses trouxeram pra cá. Mas se você chamar com a palma da mão virada pra você mas pra cima, como Cristo dizendo vinde a mim as crianças, como os molecotes do Recife guiando as pessoas que querem estacionamento carro, você estará fazendo um gesto abolutamente moura. Este gesto foi trazido pelos escravos mouros que chegaram na Ilha da Madeira no tempo de El rei Don Henrique e que aqui aportaram no tempo de Dom João III. Estes escravos trouxeram o aboio, o cuscuz e a cuica.

NEGRO AFRICANO ACHA QUE A FOTOGRAFIA É O SEU DUPLO

O hábito de ser fotografado, filmado, é coisa de habitante das cidades. O preto do interior africano, não urbanizado, acredita que a fotografia é o seu duplo, acredita que o que se fotografa é a alma, logo passível de sofrer as consequências do feitiço. Tendo a fotografia, tem-se você. Tanto mais alto hierarquicamente, sacerdote, Soba, mas eles são cíacos de sua cultura. O americano vai e filma o negro! Imaginem! Daí é fácil supor como o negro tem o americano atravessado na goela. Meu grande prestígio na África é porque eu andava por lá desarmado.

Agora vocês vão baixar no outro terreno, ouviram? A penitência que vocês me deram hoje vai dar prá cobrir todos os meus pecados até o fim do ano.

FOLCLORE DO PROF. CÂMARA CASCUDO 1975

Viagem ao Sertão. Imprensa Oficial Natal 1934.
 Geografia dos Mito Brasileiros. Livraria José Olympio. Editora. Rio. 1947.
 Literatura Oral do Brasil. Idem. 1952.
 Cinco Livros do Povo. Idem. 1953.
 Seleta. Idem. 1952. Organização e Notas do Prof. Américo de Oliveira Costa.
 Civilização e Cultura. Idem. Dois volumes. 1973
 Tradições Populares da Pecuária Nordeste. Ministério da Agricultura. Rio. 1956.
 Jangadeiros. Idem. 1957.
 Contos Tradicionais do Brasil. 3ª ed. Coleção Brasileira de Ouro. Rio. 1967.
 Vaqueiros e Cantadores. Idem. 2ª ed. 1968.
 Melhores Contos Populares de Portugal. Idem. 2ª ed. 1969.
 Locuções Tradicionais no Brasil. Universidade Federal de Pernambuco. Recife. 1970.
 Religião no Povo. Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa. 1974.
 Dante Alighieri e a Tradição Popular no Brasil. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre. 1963.
 Made in Africa. Editora Civilização Brasileira. Rio. 1965.
 Trinta Histórias Brasileiras. Portucalense Editora. Porto Portugal. 1955.
 Prelúdio da Cachaça. Instituto do Açúcar e do Alcool. Rio. 1968.
 Sociologia do Açúcar. Idem. 1970.
 Folclore do Brasil. Fundo de Cultura. Rio de Janeiro. 1967.

Tradição, Ciência do Povo. Editora Perspectiva. S.Paulo. 1971.
 Fior dos Romances Trágicos. Editora do Autor. Rio. 1966.
 Mito Amazônicos da Tartaruga. Charles Frederik Hartt (1840-1878). Amazonian Tortoise Myths. Tradução e Notas. Arquivo Público Estadual. Recife. 1952.
 Mouros, Franceses e Judeus. Editora Letras e Artes. Rio. 1967.
 Jangada. Idem. 2ª ed. 1964.
 Coisas que o Povo Diz. Edições Bloch. Rio. 1968.
 Superstições e Costumes. Antunes. Rio. 1958.
 Antologia do Folclore Brasileiro. 4ª edição. Martins. S.Paulo. 1971.
 Meleagro. Pesquisa de Magia Branca no Brasil. Agril. Rio. 1951.
 Anúbitis e Outros Ensaios. Edições O Cruzeiro. Rio. 1971.
 Rele de Dormir. Serviço de Documentação. MEC. Rio. 1951.
 História da Alimentação no Brasil. Col. Brasileira. vols-323, 323-A. S.ão Paulo. 1967-68.
 Ensaios de Etnografia Brasileira. Instituto Nacional do Livro. Rio. 1971.
 Dicionário do Folclore Brasileiro. 3ª ed. Dois volumes. Idem. 1972.
 No prelo: — Antologia da Alimentação no Brasil. Companhia Editora Nacional. S.Paulo.
 Em preparação: — História dos Nossos Gestos. Pesquisa da Mímica no Brasil.

BIBLIOGRAFIA HISTÓRICA DO PROF. CÂMARA CASCUDO.

HISTÓRIAS QUE O TEMPO LEVA. Prof. Rocha Pombo. São Paulo. 1924.
 DOIS ENSAIOS DE HISTÓRIA — "Intencionalidade no descobrimento do Brasil", tese para catedrático no Colégio Estadual. "O mais antigo Mercado colonial no Brasil". Imprensa Universitária. Natal. 1965.

BRASÃO HOLANDÊS DO RIO GRANDE DO NORTE. Natal. 1955.
 GOVERNO DO RIO GRANDE DO NORTE. Revisão cronológica, resumo biográfico. Natal. 1939.
 INFORMAÇÃO DE HISTÓRIA E ETNOGRAFIA. Recife. 1944.
 HISTÓRIA DA CIDADE DO NATAL. Natal. 1947.
 GEOGRAFIA DO BRASIL HOLANDÊS. Col. Docs. Bras. Rio de Janeiro, 1956.
 HISTÓRIA DO RIO GRANDE DO NORTE. MEC. Rio de Janeiro. 1955.
 Notas e documentos para a História de Mossoró. Natal. 1955.
 Notícia histórica do Município de Santana do Matos. Natal. 1955.
 Peróquis do Rio Grande do Norte. Natal. 1955.
 HISTÓRIA DA REPÚBLICA NO RIO GRANDE DO NORTE. Rio de Janeiro. 1965.
 NOMES DA TERRA. Geografia, História, Toponímia. Natal. 1968.
 HISTÓRIA DA ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA. Natal. 1972.
 O LIVRO DAS VELHAS FIGURAS. Natal. 1974. 2º tomo. 1975.
 MOVIMENTO DA INDEPENDÊNCIA NO RIO GRANDE DO NORTE. Natal. 1973.
 LOPEZ DO PARAGUAY. Natal. 1933.
 CONDE D'EU. Brasileira. S.Paulo. 1933
 O MARQUÊS DE OLINDA E SEU TEMPO. Prof. Conde de Afonso Celso, Brasileira. S.Paulo, 1938.
 MEMÓRIA DE STRADELLI. Prof. Artur Cesar Ferreira Reis, Manaus, 1936 e 1967.
 VIDA DE PEDRO VELHO. Natal. 1956.
 EM SERGIPE DEL-REI. Prof. José Augusto Garcez. Aracaju, 1953.
 HISTÓRIA DA ALIMENTAÇÃO NO BRASIL. Dois tomos. São Paulo, 1967, 1968.

Livros em branco para escritas fiscais e mercantis. Copiadoras para qualquer fim. Formulários para imposto de renda. Formulários para recolhimento de imposto e contribuições. Cadernos escolares. Gelatina hectográfica. Papelaria em geral. Papel fotocopiadora 3M.

O saco, n. 3, p. 10, jul. 1976